

## O estudo da vida cotidiana: notas conceituais para o projeto urbano

Silvana Ferracciú Mameri  
Contato: silvanamameri@gmail.com

Linha de pesquisa: Estruturação e Gestão do Território

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute a importância do cotidiano como uma dimensão de análise fundamental para a concepção de projetos urbanos.

Essa discussão é parte integrante do referencial teórico da tese de doutorado em desenvolvimento, cujos postulados levam em consideração que as dinâmicas sociais e culturais gestadas no cotidiano de comunidades, que historicamente criam e recriam os seus espaços de vida, são estratégicas para o êxito de projetos habitacionais e urbanos, ou seja, para uma efetiva aderência entre o projeto e a realidade de vida das comunidades.

As dinâmicas sociais articuladas com as especificidades do ambiente e a regularização fundiária vinculada aos objetivos de inclusão social, podem possibilitar a realização dos fundamentos postos no marco regulatório que considera as funções sociais da propriedade e da cidade como prioritárias, minimizando-se os conflitos e injustiças da produção do espaço urbano.

Entretanto, podemos compreender mais profundamente as dinâmicas sociais através do pensamento do filósofo Henri Lefebvre (2001) em sua concepção do *direito à cidade*, compreendendo esse *direito* como mais do que um conjunto de leis ou normas, mas uma manifestação superior dos direitos: direito à liberdade, à individualidade, à socialização, ao habitar. Manifestações que se expressam no cotidiano, onde o ser humano se realiza concretamente, através da apropriação da cidade, na busca de heterogeneidade e de sua própria identidade.

### OBJETIVOS

Apresentar os pressupostos teóricos desenvolvidos na tese de doutorado sobre a importância do estudo da vida cotidiana para a concepção de projetos urbanos, com base em estudos e reflexões de arquitetos e

urbanistas que consideram a questão, tais como Vicente Del Rio, Carlos Nelson Ferreira dos Santos, Jan Gehl, bem como das concepções filosóficas de Henri Lefebvre.

### METODO

A tese de doutorado em elaboração, na qual o presente trabalho se insere, está referenciada em estudos baseados no tripé: *ambiente, cotidiano e acesso a terra urbanizada*, na busca de caminhos que orientem propostas de intervenção em áreas ambientalmente sensíveis e socialmente vulneráveis. A discussão aqui abordada refere-se a um desses aspectos, com base nas reflexões dos arquitetos e urbanistas supracitados, que através de pesquisas teóricas e empíricas contribuíram para evidenciar a importância do cotidiano nos processos de intervenção urbana. O trabalho referencia-se também nas concepções teóricas de Lefebvre, no entendimento de que o espaço é social, ou seja, é socialmente produzido, sendo o cotidiano uma categoria de análise fundamental para se compreender o que ele denomina de sociedade urbana.

### DESENVOLVIMENTO

A partir dos anos de 1960 intensificaram-se os protestos sociais e as críticas com relação à produção do espaço urbano, sobretudo do impacto causado por grandes empreendimentos privados e públicos sobre o meio ambiente e a vida das comunidades.

Vicente Del Rio (1990) analisa que os valores da população e os investimentos sociais e econômicos das comunidades e do indivíduo em suas habitações eram frequentemente ignorados nos processos de intervenção urbana. Construções de grandes conjuntos habitacionais, grandiosos sistemas viários e *shopping-centers* desconsideravam a complexidade da vida urbana e de fatores vitais para os cidadãos, tais como o patrimônio histórico, a integração e inter-relação entre



funções e atividades humanas, a importância das redes sociais estabelecidas e dos valores afetivos com o lugar. A crise de valores do planejamento urbano e do urbanismo que começa a se delinear nessa década, demonstrou a falência dos ideários do Movimento Moderno. A partir dos anos de 1960, a resistência à urbanização demolidora dos modernos é substituída pela modéstia antiglobalizante do pós-modernismo. (ARANTES, 1998)

A crise do planejamento urbano e do urbanismo é também exposta de forma contundente por Jane Jacobs no livro *Morte e Vida de Grandes Cidades*, publicado em 1961 e que se tornou referência para arquitetos e urbanistas. Jacobs (2009) demonstrou, através da observação das cidades americanas, que os espaços concebidos pelos urbanistas careciam da compreensão da vida cotidiana e sua vitalidade pulsante, só possível pela diversidade de usos que se constroem na apropriação dos espaços urbanos pelos seus habitantes. Jacobs considera as cidades como um grande laboratório de tentativa e erro, fracasso e sucesso, em termos de construção e desenho urbano.

Em um estudo no bairro do Catumbi, no Rio de Janeiro, Carlos Nelson Ferreira dos Santos (1985) também demonstrou a importância do estudo da escala do bairro, da rua, do quarteirão, da casa, dos níveis materiais e simbólicos contidos na vida cotidiana de seus moradores, colocando em xeque as idealizações utópicas sobre o espaço em um projeto de renovação urbana que demoliu grande parte do antigo bairro existente.

Jan Gehl, arquiteto e urbanista dinamarquês, autor de “Cidades Para Pessoas” (2013) considera que o modernismo teve enorme influência no desenvolvimento da cidade, compreendida como máquina e com suas partes separadas por funções. Os planejadores de tráfego também tiveram papel preponderante na cena urbana, fundamentados em ideias e teorias de como garantir as melhores condições para o tráfego de veículos, ao invés de se pensar o espaço urbano voltado para a vida das pessoas nas cidades.

Gehl (2013) analisa que a prioridade dada ao tráfego de automóveis em detrimento da dimensão humana, como espaços públicos, áreas de pedestres, locais de encontro, marcaram por décadas o planejamento urbano, dominado pela ideologia do modernismo.

A insatisfação generalizada de habitantes descontentes com a vivência em ambientes modernistas e as crescentes manifestações de protesto e resistência a

programas de intervenção urbana nas principais cidades dos EUA e Europa, levou suas administrações a inserirem maior participação comunitária em seus processos de planejamento e gestão urbana (DEL RIO, 1990).

Podemos tomar como base teórica dessas discussões as concepções do filósofo Henri Lefebvre, acerca da produção do espaço, destacando os aspectos do que ele denomina de *espaço vivido* e *espaço concebido*.

Lefebvre (2006, p. 39) diz que “a prática espacial de uma sociedade se descobre decifrando seu espaço.” Podemos identificar nessa prática espacial o que o autor chama de as representações do espaço ou espaço concebido, que é o espaço dos planejadores, urbanistas, agenciadores e que é dominante em uma sociedade; e os espaços de representação ou espaço vivido, que é o espaço dos habitantes, usuários, o espaço dominado.

Mas essa não é uma relação de dualidade, mas sim de simultaneidade de lógicas, pois o espaço concebido não esmaga por completo o espaço produzido a partir da complexidade apresentada pelo espaço social, regido pela prática cotidiana (NASCIMENTO, 2013).

Os escritos de Lefebvre sobre a sociedade urbana apontam para a importância do estudo da vida cotidiana como categoria, do lugar onde o homem se reconhece e vive, onde se dá a unidade da vida social. Essa noção está intimamente ligada ao sentido de apropriação dos espaços pelo ser humano.

Para Lefebvre (1978), o habitar tem se transformado em função das totalidades que constituem a cultura, a civilização, a sociedade, nas suas relações e modos de produção, nas estruturas e superestruturas. A ação dos grupos humanos sobre o meio material e natural possui dois atributos: a *dominação* e a *apropriação*. A dominação sobre a Natureza, resultante da técnica a arrasa e permite às sociedades substituí-la por seus produtos. A apropriação não arrasa, mas transforma a natureza em bens humanos.

A apropriação é a meta, o sentido, a finalidade da vida social. Sem a apropriação, a dominação técnica sobre a Natureza tende ao absurdo, na medida em que cresce. Sem a apropriação pode haver crescimento econômico e técnico, mas o desenvolvimento social propriamente dito se mantém nulo. (LEFEBVRE, 1978, p. 164)



### 3º SIMPÓSIO DE PESQUISA DO PPGAU-UFRN – DOUTORADO, MESTRADO ACADÊMICO e MESTRADO PROFISSIONAL

A aspiração do ser humano por uma concepção do habitar, que responda as exigências da técnica e das grandes aglomerações modernas, sem sacrificar a qualidade, as diferenças e a apropriação espaço-temporal seria, para Lefebvre (1978), o grande desafio da sociedade moderna.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os protestos e críticas surgidos nos anos de 1960 colocaram em xeque um modelo de desenvolvimento e de produção do espaço baseados nos princípios do funcionalismo, da conhecida análise dos elementos, fatores ou funções da cidade, como habitar, trabalhar, distrair-se.

Essa postura foi fundamental para se repensar o papel do urbanismo e do desenho urbano e a práxis do arquiteto e urbanista.

As reflexões de Henri Lefebvre sobre o espaço vivido a partir das práticas cotidianas podem contribuir para um maior entendimento do espaço urbano e das formas de intervenção através do projeto, pois a produção espacial realiza-se no plano do cotidiano, através da apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar.

Ao trabalharmos as diferentes frações do espaço, estamos observando um produto concreto, com qualidades físicas, mas que estão associadas a práticas sociais que se modificam permanentemente ao longo do tempo.

É fundamental que a definição de categorias de análise para a formulação de projetos urbanos busque compreender as especificidades do ambiente natural no qual se insere, mas fundamentalmente possa traduzir os modos de vida dos moradores aos quais se destinam e que inscrevem no espaço através do tempo, seus percursos e dinâmicas próprias de crescimento, bem como suas lutas e resistências pelo *direito à cidade*.

Com essa perspectiva de análise, busca-se construir referenciais para intervenções em áreas de interesse social e ambiental capazes de potencializar valores do ambiente físico natural e as dinâmicas sociais e culturais gestadas no cotidiano das comunidades.

## AGRADECIMENTOS

À Profa. Dulce Bentes Sobrinha, pela orientação dedicada a minha pesquisa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Otilia et al. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

NASCIMENTO, José Clewton do. **(Re) Descobriram o Ceará?** representações dos sítios históricos de Icó e Sobral: entre areal e patrimônio histórico. Salvador: EDUFBA: PPGAU, 2013.

GEHL, Jan. **Cidades Para Pessoas**. Tradução: Anita Di Marco. São Paulo: Perspectiva, 2013.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução de Carlos S. Mendes Rocha. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução: Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006.

\_\_\_\_\_. **De lo rural a lo urbano**. Antologia preparada por Mario Gaviria. Versão espanhola de Javier González-Pueyo do original francês. Barcelona: Península, 1978.

\_\_\_\_\_. **O direito a cidade**. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos, coord.. **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. São Paulo, Projeto, 1985.